

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



A CULTURA DO PUNIR NA ESCOLA: um estudo sobre indisciplina e relações de gênero.

Willianne Costa de Sousa

Resumo: A indisciplina na escola é frequentemente apontada como um dos principais desafios enfrentados por educadoras e educadores, e é comumente tratada de forma homogênea, desconsiderando as diversas formas de manifestação e os contextos sociais, culturais e subjetivos nos quais se insere. Com este entendimento, a presente pesquisa discute aspectos da indisciplina no cotidiano escolar, e objetiva analisar a sistemática de disciplina e punição nas escolas, destacando-se se e como elas influenciam na desigualdade de gênero. Bem como conhecer, por meio de materiais e documentos bibliográficos, dados que explicitam a origem da cultura de punição nas escolas; identificar como acontece ações entendidas como indisciplinas e se as punições são distintas por gênero e compreender as consequências da punição no desenvolvimento socioemocional das crianças. Para a investigação, de abordagem qualitativa, foi realizada uma pesquisa exploratória, com análises documentais e bibliográficas, fundamentando-se em autores como Silvia Parrat-Dayán (2008), Michel Foucault (1979, 1987), Yves de La Taille (2016), Cláudio Marques (2019), Marília de Carvalho (2003). Além disso, utilizou-se como instrumento de coleta de dados entrevistas com quatro professoras dos Anos Iniciais de duas escolas de São Luís - MA, como forma de compreendermos quais as técnicas disciplinares e suas percepções sobre as diferenças de gênero nesse contexto. E algumas ações relacionadas à técnica de grupo focal com dez crianças do 5º ano, sendo cinco meninas e cinco meninos, escolhidas conforme indicação de uma das professoras participantes da pesquisa, a fim de entender as possíveis consequências da punição no desenvolvimento socioemocional delas. Foi possível concluir que as causas da indisciplina estão vinculadas a vários fatores, tais como: negligência dos responsáveis, falta de estrutura e suporte institucional, saúde mental fragilizada, dentre outros. Dentre as consequências no desenvolvimento das crianças, destacam-se: dificuldade na integração social.

Palavras-chave: Indisciplina; disciplina; punição; gênero.

THE CULTURE OF PUNISHMENT IN SCHOOL: A Study on Indiscipline and Gender Relations.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIIDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



Abstract: Indiscipline in schools is often cited as one of the main challenges faced by educators and is commonly addressed in a homogeneous manner, disregarding the diverse forms of manifestation and the social, cultural, and subjective contexts in which it occurs. With this understanding, this research discusses aspects of indiscipline in the daily school environment and aims to analyze the system of discipline and punishment in schools, highlighting whether and how they influence gender inequality. It also seeks to understand, through bibliographic and documentary materials, data that clarify the origin of the culture of punishment in schools; identify how actions perceived as indiscipline occur and whether punishments differ by gender; and comprehend the consequences of punishment on the socioemotional development of children. For the investigation, which adopts a qualitative approach, exploratory research was conducted, including documentary and bibliographic analyses, grounded in authors such as Silvia Parrat-Dayan (2008), Michel Foucault (1979, 1987), Yves de La Taille (2016), Cláudio Marques (2019), and Marília de Carvalho (2003). Additionally, data collection instruments included interviews with four teachers from the early years of two schools in São Luís, Maranhão, to understand the disciplinary techniques used and their perceptions regarding gender differences in this context. Furthermore, a focus group was conducted with ten 5th-grade children, five girls and five boys, selected based on the indication of one of the participating teachers, to explore the potential consequences of punishment on their socioemotional development. It was concluded that the causes of indiscipline are linked to various factors, such as neglect by guardians, lack of institutional structure and support, and compromised mental health, among others. Among the consequences for children's development, difficulties in social integration stand out.

Keywords: Indiscipline; Discipline; Punishment; Gender

**LA CULTURA DEL CASTIGO EN LA ESCUELA: un estudio sobre la
indisciplina y las relaciones de género.**

Resumen: La indisciplina en la escuela es frecuentemente señalada como uno de los principales desafíos enfrentados por educadoras y educadores, y comúnmente es tratada de forma homogénea, desconsiderando las diversas formas de manifestación y los contextos sociales, culturales y subjetivos en los cuales se inserta. Con este entendimiento, la presente investigación discute aspectos de la indisciplina en la vida cotidiana escolar y tiene como objetivo analizar la sistemática de disciplina y castigo en las escuelas, destacando si y cómo estas influyen en la desigualdad de género. Asimismo, busca conocer, a través de materiales y documentos bibliográficos, datos que expliciten el origen de la cultura del castigo en las escuelas; identificar cómo ocurren las acciones entendidas como indisciplina y si los castigos son distintos según el género; y comprender las consecuencias del castigo en el desarrollo socioemocional de los niños y niñas. Para la investigación, de enfoque cualitativo, se realizó un estudio exploratorio con análisis documentales y bibliográficos, fundamentado en autores como Silvia Parrat-Dayan

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



(2008), Michel Foucault (1979, 1987), Yves de La Taille (2016), Cláudio Marques (2019) y Marília de Carvalho (2003). Además, se utilizaron entrevistas como instrumento de recolección de datos con cuatro profesoras de los Años Iniciales de dos escuelas de São Luís, Maranhão, con el fin de comprender cuáles son las técnicas disciplinarias utilizadas y sus percepciones sobre las diferencias de género en este contexto. Asimismo, se realizaron algunas acciones relacionadas con la técnica de grupo focal con diez estudiantes de 5.º grado —cinco niñas y cinco niños—, seleccionados conforme a la indicación de una de las profesoras participantes de la investigación, con el objetivo de comprender las posibles consecuencias del castigo en su desarrollo socioemocional. Fue posible concluir que las causas de la indisciplina están vinculadas a varios factores, tales como: negligencia de los responsables, falta de estructura y de apoyo institucional, fragilidad en la salud mental, entre otros. Entre las consecuencias en el desarrollo de los niños y niñas, se destacan las dificultades en la integración social.

Palabras clave: Indisciplina; disciplina; castigo; género.

INTRODUÇÃO

A pesquisa presente foi construída com o objetivo de analisar o funcionamento e sistemática de disciplina e punição no cotidiano escolar, se e como elas influenciam na desigualdade de gênero. É de fundamental importância compreender sobre a indisciplina escolar, sendo esta uma problemática bastante presente nas escolas de todo o país, possibilitando assim, obter visões diversificadas de autores da área, como também conhecer e refletir sobre as estratégias utilizadas pelos professores para sanar ou amenizar essas questões em sala de aula.

A indisciplina, frequentemente apontada como um dos principais desafios enfrentados por educadores e educadoras, é comumente tratada de forma homogênea, desconsiderando as diversas formas de manifestação e os contextos sociais, culturais e subjetivos nos quais se insere. Nesse cenário, é possível observar que as respostas institucionais à indisciplina nem sempre são neutras: meninos e meninas, por exemplo, tendem a ser tratados de maneiras diferentes diante de comportamentos semelhantes, o que evidencia um viés de gênero nas práticas de controle e punição. Meninos tendem a receber mais atenção, seja por chamadas mais frequentes ou por serem mais repreendidos,

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



enquanto meninas podem ser percebidas como mais “comportadas” e, consequentemente, menos desafiadoras academicamente. Comentários ou atitudes que reforçam papéis tradicionais de gênero, como incentivar meninas a serem “delicadas” ou meninos a serem “competitivos”, ainda podem ocorrer, mesmo que de forma não intencional, principalmente em escolas que adotam uma educação mais tradicionalista. Dessa forma, exige-se um olhar atento para se perceber como, nas ações escolares mais simples e habituais, naquelas mais sutis e quase invisíveis.

Investigar as relações de gênero e a cultura do punir no contexto escolar revela-se urgente e socialmente relevante. O estudo possibilita identificar como as práticas punitivas operam na produção de diferenças, hierarquias e desigualdades, ao mesmo tempo em que oferece subsídios para a construção de políticas e práticas pedagógicas mais inclusivas. Compreender os mecanismos que sustentam a cultura do punir é essencial para o fortalecimento de uma escola democrática, comprometida com direitos humanos, equidade e respeito à diversidade de identidades e expressões de gênero.

Assim, este estudo busca responder a seguinte problemática: De que forma as práticas disciplinares e de punição nas escolas refletem e reforçam estereótipos de gênero ao lidar com situações de indisciplina?

Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo geral analisar a sistemática de disciplina e punição no cotidiano escolar e como elas influenciam na (des)igualdade de gênero.

METODOLOGIA

A pesquisa proposta neste estudo é de natureza qualitativa do tipo exploratória. O estudo foi fundamentado em ideias e pressupostos de teóricos e pesquisadores que apresentam significativa importância na definição e construção dos conceitos discutidos nesta análise, dos quais se destacam: Silvia Parrat-Dayana (2008), Michel Foucault (1979, 1987), Yves de La Taille (2016), Cláudio Marques (2019), Marília de Carvalho (2003), dentre outros. Com o intuito de buscar informações sobre técnicas disciplinares nas

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



instituições escolares e como elas influenciam no desempenho pedagógico assim como nas dinâmicas de gênero, foi realizada uma pesquisa de campo, do tipo exploratória, cujo objetivo foi o de colher dados diante da realidade do objeto de estudo, que segundo Gil (1987, p. 27), “tem como principal finalidade, desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias [...] com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”.

A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas de São Luís - MA. A primeira localizada no bairro do Anjo da Guarda e a segunda no Renascença. A escolha pelas referidas escolas se deu devido ter realizado nessas instituições, os estágios obrigatório e não obrigatório e ter certa facilidade no contato com as professoras participantes da pesquisa. Nessa perspectiva, analisamos as questões de indisciplina e punições presentes, implícita ou explicitamente, no cotidiano escolar destas instituições, atenta para questões comportamentais do corpo docente, alunos (as) e demais pessoas, visando gerar informações necessárias para a investigação, que pretende identificar como acontece ações entendidas como indisciplina, se e quais as punições são distintas por gênero.

Por motivos de descrição, utilizaremos nesta pesquisa nomes fictícios para nos referirmos às escolas em questão. A coleta de dados foi obtida por meio de entrevista semiestruturada com quatro professoras do EFAI, as duas primeiras da UEB Raio de Sol, e as duas últimas da Escola Aprender. Realizadas no dia 15 de Agosto de 2024 e 25 de junho de 2025, respectivamente. Cumpre ressaltar que foi feita a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, antes da realização das entrevistas.

A entrevista semiestruturada de acordo com Manzini (1990/1991), está focada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas da entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Também solicitamos autorização e realizamos algumas ações relacionadas ao grupo focal na UEB Raio de Sol com 10 crianças do 5º ano, sendo 5 meninas e 5 meninos,

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



escolhidas conforme indicação da professora da turma. Para Caplan (1990), os grupos focais são “pequenos grupos de pessoas reunidas para avaliar conceitos ou identificar problemas”. Segundo Dias (1997), “o objetivo central do grupo focal é identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto, produto ou atividade. Seus objetivos específicos variam de acordo com a abordagem de pesquisa”.

Além disso, buscamos conhecer, por meio de levantamento e análise de outras produções, destacando-se artigos e dissertações, o conceito de indisciplina, assim como seu histórico, e em seguida compreender quando e onde surgiu a punição escolar como medida disciplinar, frisando, ainda, sobre as dificuldades presenciadas no processo de ensino aprendizagem devido a indisciplina estudantil. Com o intuito de compreender sobre as relações de poder e de que forma essas relações estão presentes no ambiente escolar, utilizamos ideias que o teórico Michel Foucault (1926-1984) discute. Apresentamos também fundamentações teóricas de autores/as como Guacira Louro (2019), Cíntia Freller (2001), Marília de Carvalho (2003), dentre outros, que abordam sobre as dinâmicas de gênero voltadas para o contexto da indisciplina e punições escolares.

3 INDISCIPLINA ESCOLAR E A CULTURA DO PUNIR: CONCEITOS E CAUSAS

Para abordar a indisciplina escolar, um tópico frequentemente presente na rotina educacional e que gera intensos debates, é essencial compreender inicialmente os significados dos termos disciplina e indisciplina. Segundo Antunes (2013), a disciplina é tida como um conjunto de normas ou regras pré-estabelecidas, que visam normatizar um padrão de funcionamento de um determinado setor ou instituição, seja social, educacional, familiar, empresarial, etc. Nesse sentido, a criação de mecanismos para se manter um ambiente de organização seja em qualquer área e principalmente sua aplicação é característica da disciplina.

Existem também, outros direcionamentos, de autores, sobre o significado do

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



termo disciplina. De acordo com Parrat (2008, p. 75), “A disciplina não é um conceito negativo; ela permite, autoriza, facilita, possibilita. A disciplina permite entrar na cultura da responsabilidade e compreender que as nossas ações têm consequências”. Seguindo essa linha de raciocínio, quem adota esse tipo de comportamento é visto como uma pessoa disciplinada.. Dessa forma, a indisciplina seria propriamente a não aceitação desses direcionamentos de regras e normas e, por consequência, a não realização das mesmas.

Com um olhar pouco mais diferente, tirando o enfoque apenas do/a educando/a , temos a seguinte constatação:

A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas tanto pelos professores quanto pelos alunos para que o aprendizado escolar tenha êxito. Portanto, é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, consequentemente, na escola (Tiba, 1996, p.117).

De modo geral, as diversas causas da indisciplina escolar podem ser reunidas em dois grupos: as causas externas à escola e as causas internas. As causas encontradas no interior da escola, por sua vez, incluem o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola. Assim, na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina.

3.1 Punição escolar: breve histórico no Brasil

A História da Educação no Brasil teve início no século XVI. Naquela época, era crescente o interesse da igreja católica por aspectos econômicos e religiosos, tendo como principal objetivo a catequização dos indígenas, bem como a inserção na cultura indígena de padrões, crenças e costumes, através dos padres jesuítas.

Os jesuítas chegaram ao Brasil Colônia com a finalidade de ensinar o catolicismo. O processo educativo iniciou-se com os meninos indígenas, que foram instruídos a ler e a orar. Os conhecimentos eram atrelados somente ao pensamento religioso naquele momento histórico. A punição corporal era comum na cultura daquele contexto histórico e de suas práticas pedagógicas estavam voltadas ao objetivo de disciplinar e educar.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



No contexto escolar do século XIX, os castigos perduraram devido à convicção de que a aplicação de punições físicas para comportamentos indesejados promovia a formação de um padrão de conduta considerado ideal naquele período.

Durante muito tempo a punição dolorosa e exacerbadamente rigorosa esteve presente no nosso histórico escolar, nessa época, os professores praticavam formas dolorosas de punições como: beliscões, puxões de orelha, palmatória, ajoelhar-se no milho ou feijão. Com o tempo, essas técnicas de punição foram sendo incorporadas na educação com o propósito de uniformizar e oferecer esse modelo educacional a todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, os jesuítas foram os primeiros educadores a desenvolverem a pedagogia tradicional no Brasil, promovendo a origem dos castigos nas suas práxis educativas, transcendendo a rotina da punição física.

Segundo Foucault (2010, p.138), “as distribuições de grupo eram cada indivíduo em seu lugar, a fim de não dispersar-se diante os controles impostos, vigiando os comportamentos, modos e gestos”. Ainda com base em Foucault (2010), a disciplina originária dos exércitos nasce na descoberta da importância do corpo que seria o recurso mais fácil para dominação, já que o sujeito dócil e submisso diminui a resistência ao poder dominante.

Nessa perspectiva, o que vemos nas escolas é só mais uma estratégia para tornar indivíduos em corpos dóceis e corpos úteis.

4 PUNIÇÕES ESCOLARES E AS RELAÇÕES DE PODER

Foucault trata o tema do poder com uma abordagem diferente. Ele rompe com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado e observado numa instituição determinada ou no Estado. Para Michel Foucault (2004), o poder acontece como uma relação de forças. Todas as pessoas estão envolvidas por relações de poder e não podem ser consideradas independente delas ou alheias a elas.

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detêm exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (Foucault, 2004, p. 193).

Para Foucault, o poder não é algo que se possa possuir, porque não é um bem alienável do qual se possa ter a propriedade. Por isso, qualquer que seja a sociedade, não existe divisão entre os que têm e os que não têm poder. O poder se exerce ou se pratica. Foucault afirma que “o poder não existe”, o que existe são práticas, relações de poder.

A escola é um ambiente propício para existir relações de poder, já que é um lugar onde existem repressões e sanções, vindo de um ser superior, que pode ser o/a professor/a para os alunos, a coordenadora para os professores ou a gestora para a coordenadora. Fora discutido acima as relações de poder de forma geral, segundo Foucault (2008), na próxima subseção apresentaremos e exploraremos onde e de quais formas as relações de poder estão presentes nas escolas.

Foucault (2001) demonstra que durante décadas se estabelece controle sobre a população escolar, a fim de formar “corpos dóceis”, submetidos às políticas de disciplinamento em suas respectivas unidades escolares.

4.1 Indisciplina escolar e suas nuances de gênero

Quando falamos de indisciplina, cultura de punição e vigiar dentro das escolas, não podemos deixar de lado as relações de gênero, elas desempenham um papel central na construção social da indisciplina, influenciando tanto a percepção dos comportamentos considerados desviantes quanto às respostas institucionais a esses comportamentos.

Pedem-nos para fazer “fila de menino” e “fila de menina” e nas aulas de educação física as atividades são separadas em esportes para meninos e para meninas. Percebemos

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



rapidamente que o mundo é dividido entre feminino e masculino e aprendemos também em qual dos dois lados devemos estar.

Segundo Minella (2007), gênero, como compreendemos, é um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino. É um operador que cria sentido para as diferenças percebidas em nossos corpos e articula pessoas, emoções, práticas e coisas dentro de uma estrutura de poder.

Segundo Neto (2019), a compreensão que as professoras expressam sobre a indisciplina escolar comporta um aspecto de gênero que se apresentava sob pontos de vista interessantes. Para a maioria delas, a indisciplina seria algo dos estudantes do sexo masculino, especialmente daqueles meninos que necessitavam da presença masculina nas suas vidas. O fato é que, de acordo com pesquisas (Silva, 2007), o fracasso/déficit em aprendizagem escolar tem sido mais comum entre os meninos, assim como essas também confirmam que os estudantes do sexo masculino protagonizam mais intensamente a indisciplina na escola.

São os meninos que de maneira mais efetiva têm apresentado comportamentos incompatíveis com o trabalho pedagógico na sala de aula e isso tem levado a investigações que buscam compreender os determinantes desse problema. Muitos desses trabalhos têm constatado que isso não significa que a indisciplina seja uma característica inata ou um traço de personalidade dos alunos. Ao contrário, esses trabalhos têm identificado a predisposição dos educadores em controlar mais intensamente os corpos, as atitudes e as subjetividades das meninas (Moreira;Santos, 2004, p. 27).

Dessa forma, entende-se que meninos e meninas são moldados por normas culturais distintas. Meninos são incentivados a serem assertivos e independentes, o que pode se manifestar em comportamentos desafiadores ou de busca por atenção, como interrupções em aula. Meninas, socializadas para serem cooperativas e obedientes, frequentemente exibem comportamentos mais alinhados às normas escolares, como engajamento em tarefas colaborativas e maior atenção aos detalhes.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa realizada no colégio UEB Raio de Sol teve como intuito entender melhor de que forma essa escola enfrenta e tenta amenizar esse impasse que é a indisciplina, então, surgiu a seguinte inquietação: De que forma as práticas disciplinares e de punição nas escolas refletem e reforçam estereótipos de gênero ao lidar com situações de indisciplina?

Na UEB Raio de Sol, para a coleta de dados, fizemos entrevistas semiestruturadas com duas professoras do 5º ano, sendo uma delas a regente da turma de intervenção, e grupo focal, com 10 crianças do 5º ano também, 5 meninas e 5 meninos, a fim de compreender o que as docentes pensavam acerca de indisciplina, de quais formas ela se manifestava e quais eram suas possíveis intervenções. Alguns aspectos do grupo focal foram realizados com as crianças e teve como objetivo perceber o que eles entendiam de indisciplina e identificar onde e como ela estava presente na escola.

Este estudo foi realizado em dois períodos diferentes, a pesquisa feita na UEB Raio de Sol teve um enfoque maior na compreensão de como as professoras lidam com a indisciplina de alunos/as, enquanto que as entrevistas realizadas na Escola Aprender, com duas professoras dos Anos Iniciais do Fundamental, foram feitas com o objetivo de compreender como se dava a dinâmica de gênero do contexto das indisciplinas, e se havia distinções de punições de acordo com o gênero do/a aluno/a.

5.1 O que dizem as professoras sobre a (in) disciplina

As entrevistas realizadas com duas professoras da UEB Carlos Madeira evidenciaram que a indisciplina está presente no cotidiano escolar, manifestando-se principalmente por meio de conversas paralelas, provocações entre alunos e comportamentos que prejudicam a concentração durante as atividades. Segundo as docentes, esses comportamentos geralmente são recorrentes em alguns alunos específicos, não sendo uma característica generalizada da turma.

Em relação às estratégias de intervenção, ambas as professoras destacaram o diálogo como principal recurso pedagógico para lidar com situações de indisciplina.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Inicialmente, procuram conversar com os alunos para compreender as causas do comportamento e orientar mudanças de atitude. Caso o problema persista, são adotadas outras medidas, como advertências ou pequenas punições pedagógicas, a exemplo de retirar temporariamente o recreio, trocar o aluno de lugar ou restringir a participação em determinadas atividades. Quando essas estratégias não produzem efeito, o caso é encaminhado à coordenação escolar e, em situações mais recorrentes, os responsáveis são convocados para reunião.

Outro aspecto apontado pelas entrevistadas refere-se à participação da família, considerada um fator importante no processo de desenvolvimento e comportamento das crianças. As professoras relataram que a comunicação com os responsáveis ocorre principalmente por meio de grupos de mensagens e reuniões, embora nem sempre haja a participação efetiva das famílias, o que pode dificultar o acompanhamento dos alunos.

As docentes também destacaram que, além da indisciplina, têm observado um aumento de questões relacionadas ao bem-estar emocional das crianças, como ansiedade e mudanças comportamentais associadas a situações familiares. Esse contexto tem gerado novos desafios para os professores, que muitas vezes não se sentem plenamente preparados para lidar com essas demandas.

De modo geral, os resultados indicam que, embora algumas práticas punitivas ainda sejam utilizadas, as professoras reconhecem a importância de abordagens mais reflexivas e humanizadas, valorizando o diálogo e a conscientização dos alunos como estratégias mais eficazes para a construção de um ambiente escolar mais respeitoso e favorável à aprendizagem.

5.2 O que dizem as professoras sobre as dinâmicas de gênero no contexto da indisciplina e punições escolares

Na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os resultados indicam que

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



nenhuma das docentes recebeu formação específica sobre questões de gênero na educação, embora tenham participado de formações mais amplas sobre diversidade ou convivência escolar.

As professoras identificam diferenças nos comportamentos considerados indisciplinados entre meninos e meninas. De modo geral, os meninos tendem a apresentar comportamentos mais físicos e impulsivos, como agitação, brigas e dificuldade em permanecer sentados, enquanto as meninas manifestam indisciplina de forma mais verbal e relacional, como respostas consideradas grosseiras, conflitos entre colegas ou atitudes de exclusão. Entretanto, as docentes apontam que essas diferenças têm se tornado menos marcantes nos últimos anos, com meninas demonstrando comportamentos mais assertivos, comunicativos e questionadores.

Em relação às reações às medidas disciplinares, uma das professoras observa que os meninos tendem a demonstrar maior resistência ou dificuldade em reconhecer erros, enquanto meninas anteriormente reagiam com maior constrangimento, embora essa distinção esteja diminuindo. As entrevistas também revelaram que, mesmo quando os professores afirmam não diferenciar suas práticas disciplinares com base no gênero, estereótipos ainda influenciam algumas dinâmicas escolares, como a organização dos grupos em sala de aula ou expectativas comportamentais atribuídas a meninos e meninas.

Outro resultado relevante refere-se à participação das famílias no processo disciplinar. Uma das docentes percebe maior resistência por parte de responsáveis de meninas em aceitar relatos de indisciplina, enquanto pais de meninos tendem a reconhecer com mais facilidade esses comportamentos. Já a outra professora destaca que o principal fator que interfere nas intervenções disciplinares não é o gênero da criança, mas o grau de envolvimento familiar, que pode variar conforme o contexto social e institucional.

De modo geral, os resultados apontam que, embora as professoras busquem adotar intervenções baseadas nas características individuais de cada aluno, persistem percepções e práticas influenciadas por normas sociais e expectativas de gênero, evidenciando a necessidade de maior formação docente sobre o tema.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



5.3 O que dizem as crianças sobre as punições

Para compreender as consequências da punição no desenvolvimento socioemocional das crianças, foi realizado um grupo focal com dez estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, com idades entre 10 e 11 anos. As discussões revelaram que as crianças compreendem a indisciplina como algo negativo, frequentemente associando-a diretamente à ideia de castigo e punição como forma de correção do comportamento.

Os estudantes relataram que situações de indisciplina em sala de aula incluem comportamentos como conversas paralelas, desrespeito à professora, bullying e agressões entre colegas. Segundo eles, a primeira intervenção geralmente ocorre por meio de advertências da professora e, quando o comportamento persiste, o aluno é encaminhado à coordenação. Grande parte das crianças afirmou já ter recebido algum tipo de punição escolar.

Em relação aos sentimentos provocados pelas punições, os relatos indicam que tristeza, medo e arrependimento são reações comuns. No entanto, o arrependimento frequentemente está mais associado ao medo da reação familiar, especialmente quando há possibilidade de punição física em casa, do que à reflexão sobre o comportamento. Alguns estudantes também relataram situações em que comportamentos considerados indisciplinados foram reações a conflitos anteriores, como casos de bullying.

Os resultados também revelaram uma divergência entre a percepção das crianças e o discurso docente. Enquanto a professora afirmou priorizar o diálogo como principal estratégia de intervenção, os estudantes relataram que, em algumas situações, a resposta mais frequente envolve gritos ou advertências mais rígidas. Esses achados sugerem que, embora o diálogo seja reconhecido como estratégia pedagógica importante, as práticas disciplinares ainda podem assumir formas mais autoritárias no cotidiano escolar.

Os dados indicam que as experiências disciplinares vivenciadas pelos alunos reforçam a associação entre indisciplina, punição e medo, evidenciando a influência de modelos educativos tradicionais tanto no ambiente escolar quanto no familiar.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da pesquisa evidencia que a indisciplina escolar não possui uma única causa, estando relacionada a múltiplos fatores, como a participação limitada das famílias na vida escolar das crianças, dificuldades enfrentadas pelos professores no cotidiano da sala de aula e transformações sociais e culturais. Embora muitas vezes a responsabilidade pela indisciplina seja atribuída apenas aos alunos e às famílias, a escola também desempenha um papel fundamental na construção de estratégias que contribuam para minimizar esses conflitos.

Os resultados indicam que as professoras reconhecem a importância de promover uma educação mais equitativa e sensível às questões de gênero. No entanto, foi constatada uma ausência significativa de formações docentes voltadas especificamente para gênero e indisciplina, sobretudo na rede pública de ensino. Essa lacuna formativa pode contribuir para a manutenção de práticas e percepções que, ainda que de forma inconsciente, reproduzem estereótipos de gênero no ambiente escolar.

As entrevistas também revelaram mudanças na percepção sobre o comportamento das meninas, que têm sido descritas como mais comunicativas e questionadoras. Esse aspecto levanta reflexões sobre a possibilidade de determinados comportamentos serem interpretados como indisciplina devido a expectativas sociais que associam às meninas características de docilidade e obediência.

Outro resultado relevante refere-se ao uso de práticas disciplinares baseadas na punição. A pesquisa mostrou que, muitas vezes, essas medidas não geram reflexão ou empatia nas crianças, mas sim sentimentos de medo, especialmente relacionados às possíveis reações familiares. Além disso, observou-se uma divergência entre o discurso docente, que valoriza o diálogo como estratégia de mediação, e a percepção dos estudantes, que relatam a presença de práticas mais autoritárias no cotidiano escolar.

Portanto, conclui-se que o enfrentamento da indisciplina escolar exige abordagens mais reflexivas, dialógicas e formativas, que considerem tanto o contexto social dos alunos quanto as dinâmicas de gênero presentes na escola. Nesse sentido, destaca-se a

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



importância de investir em formação continuada para professores, abordando indisciplina, relações de gênero e estratégias pedagógicas que promovam um ambiente escolar mais inclusivo, equitativo e favorável ao desenvolvimento socioemocional dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Adriana Rocha Vilela. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na sala de aula: uma análise da realidade**. Magistro de Filosofia, Ano XIII, no. 15. Góias, 2015.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Sucesso e fracasso escolar: Uma questão de gênero. Educação e Pesquisa**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 185-193, jan./jun. 2003

CASTRO, Roney Polato de; SILVA, Michele Gomes da. **Relações de gênero, sexualidades e militarização das escolas públicas: disciplina, vigilância e silenciamento**. Revista de estudo e pesquisa em educação, Juiz de Fora/MG, v.23, n.2, p.258 a 277, maio/ago. 2021. Disponível em: <<http://www.periodicosufjf.br>>. Acesso em: 26 junho 2025.

CONNEL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito**. Tradução: Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril/2013

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: contexto, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 12ª edição. Petrópolis- RJ. Vozes, 1995.

FOUCAULT, Michel . **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 10ª edição. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 35ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GARCIA, Joe. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva**. Curitiba- PR, Jan/Abr. Universidade Federal do Paraná, 1999, p. 101-108.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



MOREIRA, Maria de Fátima Salum; SANTOS, Lilian Piorkowsky dos. **Indisciplina Escolar, Gênero e Sexualidade: Práticas De Punição e Produção De Identidades.** Archivos Analíticos de Políticas Educativas, v.12, n.69, 2004.

NETO, Cláudio Marques da Silva. **Relações de Gênero e Indisciplina Escolar: masculinidades em jogo.** 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Luciana Afonso Soares. **Indisciplina Escolar: Possíveis causas e soluções.** Alexânia- GO, Fevereiro de 2013. 79 páginas. Faculdade de Educação- FE, Universidade de Brasília- UNB.

TRAGTENBERG, Maurício. **Relações de poder na escola.** São Paulo, Revista Lua nova, Mar. 1985, Escola de Administração de Empresas da FGV- SP.